

O ARQUIVISTA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Heloísa Liberalli Bellotto
Universidade de São Paulo

O arquivista hoje não pode esquecer que vive e atua profissionalmente na chamada "era da informação", na qual, as tecnologias da informação e da comunicação têm presença marcante. Os novos suportes documentais, com os quais terá de lidar, exigem conhecimento, competência, métodos e meios de produção, utilização e conservação física especiais. São fatores novos sobre os quais os arquivistas passam agora a serem instruídos e treinados, não obstante correrem o risco de, em virtude do vertiginoso crescimento das possibilidades da eletrônica nas áreas documentais, nunca conseguirem abarcar a plenitude destes conhecimentos tão mutantes e dependentes de equipamentos tão rapidamente tornados obsoletos .

A informática, entendida como a "técnica que permite a produção e o tratamento acelerado da informação por meio de operações eletrônicas e mecânicas" (COUTURE, 1987), tem, hoje, nos arquivos marcada presença. As tecnologias eletrônicas da informação aumentaram muito a capacidade da sociedade de gerar, reunir, recuperar e examinar e utilizar dados com objetivos os mais variados, apresentando ainda a vantagem do acesso à informação à distância e a vantagem de nos ajudar a eliminar dados/ informações redundantes, supérfluas, irrelevantes (DURANTI,c.1994).

O documento em meio informático traz a possibilidade da densidade máxima da informação em um mínimo de suporte, do qual a mensagem, naturalmente, terá de passar por reconstrução legível por máquina para ser entendida. Entretanto, dentro da peculiaridade do documento arquivístico, os especialistas chamam a atenção dos arquivistas para o fato de que todo o processamento que se dê à informação arquivística não pode se afastar dos princípios teóricos básicos da arquivística, refletindo sempre o princípio da proveniência e a organicidade na ordenação interna dos fundos (TALLAFIGO, 1994). Isto, mesmo em se admitindo a já não centralização material e formal dos documentos, tal como se apresentavam anteriormente na forma tradicional da organização arquivística. Nesta, campeava o suporte papel, a informação formalmente padronizada e a obediência estrita e material ao princípio da proveniência. Ora, a informática vem mudar sensivelmente estas verdades, porque separa a informação do suporte reconhecível, já que este é um sistema informático. Trata-se, portanto, de documentos virtuais (CARUCCI, 1994) e assim sendo compreendidos e tratados.

Preservamos documentos por causa de sua capacidade de servir como prova (*evidential value*) ou como testemunho (*informational value*). Ora, neste sentido, os arquivistas devem ter bem claro o quanto é preciso localizar, de imediato nos seus documentos, a sua procedência e a estrutura, funções e atividades do produtor nele refletidas, só isso dará autenticidade, no primeiro caso e fidedignidade, no segundo.

No entanto, ainda é inconsistente o nosso conhecimento quanto a evidência destes elementos nos documentos em suporte eletrônico. Será que questões como a imparcialidade, a fidedignidade, a autenticidade, a natureza, a unicidade, as inter-relações orgânicas são, atualmente, facilmente detectáveis nos sistemas eletrônicos? Problemas jurídicos têm surgido em vários países em torno deste problema, aguardando-se os caminhos e soluções, que certamente passarão pela área do Direito.

Quando se fala do arquivista para o século XXI, esperando dele que se assenhore das novas tecnologias para um eficiente desempenho de seu trabalho, não nos esqueçamos que não se pode prescindir daquelas qualidades esperadas de tal profissional, em qualquer situação, tempo e lugar - com ou sem tecnologia. Alguns especialistas assim as têm arrolado: 1. capacidade de análise e síntese, juntamente com uma aptidão particular de esclarecer situações complexas e ir ao essencial; 2. habilidade de formular claramente suas idéias, tanto de forma escrita como verbal; 3. capacidade de julgamento seguro; 4. aptidão para tomar decisões sobre questões ligadas à memória da sociedade; 5. abertura às novas tecnologias da informação; 6. bom senso para tomar resoluções; 7. adaptação à realidade, às condições de seu tempo e lugar (GRIMARD, 1993). E, como se fosse tudo isso fosse pouco, fala-se, ainda, nas qualidades de adaptabilidade, pragmatismo, curiosidade intelectual, rigor, método, continuidade, capacidade de compreensão e de escuta relativamente ao produtor, ao pesquisador e ao cidadão. A verdade é que o arquivista, ademais de toda essa qualificação de cunho pessoal, deverá ainda estar capacitado profissionalmente para intervir em toda a cadeia do tratamento documental, qualquer que seja o suporte. A respeitabilidade de que é revestida o seu trabalho virá da segurança com que atue no seu *métier*.

Na verdade, o desafio da credibilidade deve ser respondido com um grande esforço de comunicação, de aperfeiçoamento, de reciclagem paralelamente ao entendimento da evolução das práticas profissionais, das técnicas que não cessam de se renovar, dos conhecimentos, das competências, dos procedimentos. (LIMON, 1999-2000). Tem de haver um diálogo constante entre a concepção que o arquivista tem do arquivo e a forma como a sociedade expressa suas necessidades. Sem o assenhoreamento da nossa identidade de forma muito clara e consistente em qualquer um dos níveis profissionais não terão resultado as estratégias de aprimoramento de ensino, de capacitação ou de prática profissional. Porque temos de enfrentar desafios profissionais trazidos pelas tecnologias, pelo aprimoramento e complexidade crescente dos processos administrativos e pelos imperativos da transparência da administração, é preciso, mais do que nunca, traçar nossa identidade, conhecer-lhe nitidamente os contornos e as fronteiras de modo a não confundir com outra, a nossa profissão.

O caminho, para cumprir com competência todas as demandas e desafios, passa pelo desenvolver e pelo cultivar a identidade profissional, afirma a arquivista norueguesa Liv Mikland. No seu dizer, arquivo é mais do que informação. E' uma entidade integral, completa, indivisível, cujas partes iluminam-se umas às outras. E' instrumento de

transmissão. Está no coração da transferência do conhecimento e das experiências. (MYKLAND,1994). E se o arquivista quer marcar presença na política geral do órgão ou a empresa a que serve, deve ser capaz , não só de reproduzir conhecimentos profissionais técnicos, mas, igualmente pensar em termos de empresa. Precisa aproximar-se das técnicas de gerenciamento, da psicologia do trabalho, da gestão financeira etc.(CARUCCI, 1992).

Muitos dos especialistas que tem se preocupado com a formação e o desenvolvimento profissional do arquivista, em âmbito internacional, são unânimes em reconhecer as deficiências da formação, a falta de relação entre o mercado de trabalho e o mundo universitário, assim como apontar as fraquezas internas da profissão advindas não só da debilidade de formação, mas também da carência de maior consolidação das teorias, das normas, da evolução vertiginosa das tecnologias não acompanhada pelo mesmo ritmo no ensino e aprendizagem.

No X Congresso Internacional de Arquivos, em Montréal, 1992, o arquivista nigeriano, Alegbeleye, perguntava-se a respeito do descompasso entre mercado de trabalho e a universidade, quase que entre teoria e prática, aliás, o que vem sendo sempre uma das grandes fraquezas internas da profissão. Afirmava êle: “Quando investigamos o vácuo entre, de um lado, as habilidades, conhecimentos, atitudes e comportamentos transmitidos nos cursos de arquivologia no mundo inteiro, e a atual prática da profissão podemos vislumbrar o porquê deste vácuo: uma deficiência no desenho curricular. Revisões curriculares são, portanto, urgentemente necessárias”, assim como mais ênfase a treinamentos, leituras da produção recente, contactos em congressos e visitas técnicas, enfim, maior intercâmbio entre os arquivistas (ALEGBELEYE, 1994).

José Maria Jardim apresentou um quadro geral internacional da formação arquivística, em sua conferência apresentada no X Congresso Brasileiro de Arquivologia, e referia essa possibilidade do arquivista em diferentes níveis: senior, científico, técnico, auxiliar, distinguindo a educação da capacitação, do peso que deveria ter a interdisciplinaridade, aproximando-se também a uma harmonização curricular com as áreas das ciências da informação, ademais da existência, sempre desejada, da formação contínua. Afirmava mesmo que essa “adquire importância fundamental no quadro das transformações que influenciam a profissão e, por conseguinte, seu processo de formação profissional”. E reitera a questão também alertada pelos colegas estrangeiros, no tocante a “uma arquivologia que seria ensinada na universidade e outra que seria praticada no setor público e privado” (JARDIM, 1994).

Se considerarmos estes vários pontos de vista de muitos teóricos e professores vemos que têm algo em comum. Seu *tonus* é a fragilidade do preparo dos arquivistas diante do mundo laborial que os aguarda. E’ preciso “adaptar o ensino arquivístico às necessidades da sociedade da informação, o que é mais do que criar condições otimizadas para as escolas de arquivo no campo do ensino, pesquisa, recursos e organização. A adaptação efetiva também depende de uma estreita relação entre as escolas de arquivo e a profissão como um todo, que tem de estabelecer padrões de qualificação e conduta” (THOMASSEN, 1997). Esta é uma profissão de identidade universal, repousando em bases comuns, capaz de se adaptar às especificidades de práticas particulares, nutrida pela renovação gerada pela pesquisa (COUTURE & MARTINEAU, 2000).

Já não resta a menor dúvida que a formação universitária é o mais importante instrumento para que a nossa atividade, definitivamente, passe de simples ocupação à

profissão. Prossegue Thomassen, “só transmitindo um corpo pré-estabelecido de conhecimento científico e um quadro de padrões e habilidades que cobrem a função arquivística na sociedade, o ensino arquivístico é capaz de impor à profissão sua própria definição e realidade ocupacional aos novos membros qualificados e aos outros setores da sociedade. Transmitindo valores, padrões, terminologia, conhecimento, experiência, o ensino mune os novos profissionais de instrumentos para impor sua própria imagem profissional”.

E, em que medida as instituições podem responder às necessidades atuais de formação, dependentes que estão do mercado de trabalho, da concepção dominante entre os professores e dos recursos financeiros ? perguntam-se Jules Verhelst e Frank Scheelings, colegas belgas, professores de arquivística da Universidade de Bruxelas. Vendo-se diante da teoria em renovação constante, do crescimento da administração, da necessidade de transparência da administração e dos progressos da automação, afirmam: O arquivista do futuro deverá aconselhar e guiar o criador de arquivos, nas suas funções de gestor de documentos, no interior de um sistema global de gestão automatizada de arquivos. Neste tipo de sistema, ele deve poder situar todas as formas e todos os modelos de conhecimento, Sistemas eletrônicos, estratégias de segurança, procedimentos automatizados, aplicação de normas, tudo isso é tão técnico, mas subsiste um quadro de troca de informações, interconectividade, prova e contexto. A formação não deve só trocar os conhecimentos dos arquivistas, mas sobretudo, suas estratégias e suas táticas. (VERHELST & SCHEELINGS, 2000)

“Só um constante treinamento e cada vez mais experiência permite aos arquivistas intervirem definitivamente na implantação de diversos programas aprovados pela administração das instituições e converter-se em eficazes conselheiros para a solução de problemas relacionados com sistemas e controles, planejamento documental e informativo, análises descritivas, processamento de dados, análise e controle de custos de informação etc” (ARÉVALO JORDAN, 1996). E’ a educação continuada. Este foi o tema mais caro ao último presidente do Comité de Ensino do CIA, Theo Thomassen e pelo qual é um entusiasta. Analisou a questão detalhadamente no XII Congresso Internacional de Arquivos em Montreal (1992). Como diz ele, trata-se de uma estratégia educacional para pós-preparo de profissionais. E’, naturalmente, flexível, diversificada e dinâmica. Ela pode aumentar os níveis de conhecimento e de competência do profissional.. E’, para ele “a forma de se assenhorar dos novos conhecimentos na sua profissão, de estabelecer familiaridade com a nova concepção do seu *métier*, ganhar conhecimento especial e ser frutífero dentro das novas áreas de seu campo (THOMASSEN, 1994) No caso do arquivista, ele avança vertical e horizontalmente, isto é, tanto sobe níveis de especialização e conhecimento dentro da arquivística, como se expande para áreas vizinhas.

No nível da educação continuada, cursos, oficinas, seminários, palestras, estudos em grupo poderão ser presenciais, semi-presenciais ou à distância. Como corpo discente estarão os que atuam no mercado de trabalho, diplomados ou não e no corpo docente, tanto poderão concorrer professores como arquivistas ou técnicos experimentados segundo os conteúdos a serem transmitidos. A mão de obra e o conteúdo são inter e multidisciplinares. Num mundo interdisciplinar – e cada vez mais – este é o caminho adequado.

A informática é o grande elo de comunicação desta multidisciplinaridade. A informática está definitivamente incorporada aos arquivos, seja na gestão ou na

disseminação da informação de documentos tradicionais, seja na organização e descrição de documentos em suportes isolados concretos, seja nos documentos virtuais, integrantes dos bancos de dados e dos sistemas de comunicações.

O que vai nos livrar da dissolução dos princípios arquivísticos na produção e na organização dos documentos, livrando, portanto, a sociedade de enormes prejuízos tanto para o processo decisório como para a pesquisa histórica - será a colaboração dos arquivistas nos processos de elaboração dos software, para que não se percam os vínculos da informação arquivística ao princípio da proveniência e ao da organicidade, levando-se em conta ainda, a padronização internacional de procedimentos.

A tudo isso, deve estar muito atento o novo profissional. Ele só poderá cumprir a contento suas tarefas se compreender este quadro atual da sua profissão, profundamente marcado pela informática, porém, sem esquecer, reiteramos, a especificidade do documento de arquivo, ligado à sua procedência, à sua organicidade e à sua estrutura dos conjuntos documentais.

No dizer do arquivista do Ministerio das Relações Exteriores da Suécia, Berndt Fredriksson, o papel dos arquivistas na sociedade contemporânea definitivamente está mudando. Ele torna-se mais amplo e torna-se mais proativo em relação ao resto da sociedade. Isto significa que temos a capacidade de antecipar mudanças e caminhar com elas. Ele insiste em que nós, os arquivistas temos um papel a desempenhar na sociedade do conhecimento. Mas, primeiro precisamos definir mais detalhadamente o que queremos que nosso papel seja. Fazendo isto teremos convencido o resto do mundo sobre a nossa competência, isto porque na sociedade contemporânea o profissionalismo arquivístico tem um papel essencial a desempenhar (FREDRIKSSON, 2002)..

Para tanto, é fundamental e indispensável que este papel seja compreendido a partir do interior das próprias das entidades onde o arquivista atua como o gestor da informação, seja esta tomada como instrumento da administração e do direito, ou como testemunho da história e do exercício da cidadania. E' preciso fazer compreender ao administrador e ao burocrata, que o arquivista não é um simples trabalhador operacional, dentro de um órgão público ou de uma organização privada, que ali está só para passar papéis ou mídia eletrônica para as mãos dos interessados. Ele é um provedor da informação administrativa e jurídica. E' preciso fazer compreender ao historiador que o arquivista está suficientemente capacitado para elaborar os instrumentos de pesquisa que dão acesso à informação, que sua formação lhe dá elementos que o habilitam a não permitir que se perca a essência da informação na montagem da representação descritiva.

Do arquivista depende a eficácia da recuperação da informação: sua uniformidade, ritmo, integridade, dinamismo de acesso, pertinência e precisão nas buscas, porque terá havido precisão na classificação, avaliação e descrição. Sua atuação pode -e muito- influir no processo decisório das organizações e nas conclusões a que chegam os historiadores a respeito da evolução e identidade da sociedade.

Com esta constatação, consolida-se um novo e importante papel para o arquivista: o de atuar no que se convencionou chamar de "informação estratégica", isto é, a informação requerida pelos administradores de uma organização para definir decisões. Para tanto, é necessário ampliar nosso campo de ação para mais além da informação imediata, a do valor primário ou do resgatar a de valor secundário. A verdade é que devemos nos posicionar no front continuum da informação, desde sua criação até todos seus usos possíveis, passando

pela sua organização e gestão. Outro não é o papel do arquivista na sociedade contemporânea senão o de colaborar estreitamente para que os fluxos informacionais na sua área de ação arquivística se possam dar de forma plena e mais o satisfatória possível, dentro desta sociedade, toda ela beneficiária de seus arquivos e de seus arquivistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGBELEYE, Gabriel. Designing the archival education curriculum: what experience from what experiences from what disciplines, why and how ? *Archivum*, Paris, CIA, 39: 284-296, 1994.

ARÉVALO JORDAN, Victor Hugo. La practica profesional del archivero. In: _____ *Teoría y fundamentos de la Archivología*. Santa Fé, Asociación de Archiveros de Santa Fé, 1996. p.415-418.

CARUCCI, Paola. Place de la formation dans le developpement de la profession. *4 ème Colloque international sur la formation professionnelle*. Montréal, 12-14 sep.1992 (Sep).

COUTURE, Carol & ROUSSEAU, Jean-Yves - Les archives au 20ème siècle: une réponse aux besoin de l'administration et de la recherche. Montreal, L' Université de Montreal, 1987.

_____ & MARTINEAU, Jocelyne. La formation en archivistique et le profil de l'archivist contemporain. *Archivum*, Paris, CIA, 45:19-37, 2000.

DURANTI, Luciana - Defining electronic memory: the essential steps in its preservation. c.1994 (sep.)

FREDRIKSSON, Berndt. The changing role of archivists in the contemporary society. *Comma*, Paris, 1,2: 37-43, 2002.

GRIMARD, Jacques. La pratique archivistique a trouvé une identité. *Archives*, Québec, 24(3): 3-12, hiver 1993.

JARDIM, José Maria. A universidade e o ensino da arquivologia no Brasil. X Congresso Brasileiro de Arquivologia, São Paulo, 1992 (Primeira Sessão Plenária).

LIMON, Marie Françoise. La poursuite du développement et de la formation en archivistique. *Archives*, Québec, 31(3): 49-69, 1999-2000.

MYKLAND, Liv. Protection and integrity. The archivist's identity and professionalism. *Archivum*, Paris, CIA, 39: 99-109, 1994.

ROMERO TALLAFIGO, Manuel. *Archivística y archivos: soportes, edificios y organización*. Carmona, Asociación de Archiveros de Andalucía, 1994.

CARUCCI, Paola. Genesis del documento: redacción, clasificación y valor jurídico. In: *Documento y archivo de gestión. Diplomática de ahora mismo*. Carmona, Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 1994.

THOMASSEN, Theo H.P.M. Continuing professional education and the archival profession. *Archivum*, Paris, 39: 506-513.1994.

.

O ARQUIVISTA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

O ARQUIVISTA, HOJE
FATORES NOVOS E ADAPTAÇÃO

A INFORMÁTICA
AS TECNOLOGIAS AUMENTAM AS
CAPACIDADES DA SOCIEDADE EM
GERAR E UTILIZAR INFORMAÇÕES

O DOCUMENTO EM MEIO ELETRÔNICO
SEM DESCONSIDERAR OS PRINCÍPIOS
BÁSICOS DA ARQUIVÍSTICA:
PROVENIÊNCIA, ORGANICIDADE,
UNICIDADE, INDIVISIBILIDADE,
CUMULATIVIDADE

VALOR DE PROVA (*EVIDENTIAL VALUE*)
E VALOR INFORMAÇÃO
(*INFORMATIONAL VALUE*)

QUALIDADES DO ARQUIVISTA

DIÁLOGO ARQUIVISTA SOCIEDADE

IDENTIDADE PROFISSIONAL

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DESCOMPASSO ENTRE MERCADO DE TRABALHO E FORMAÇÃO

ADAPTAR O ENSINO ÀS NECESSIDADES
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

EDUCAÇÃO CONTÍNUA

MULTIDISCIPLINARIDADE

PAPEL DO ARQUIVISTA NA SOCIEDADE

O ADMINISTRADOR DEVE
COMPREENDER O TRABALHO DO
ARQUIVISTA

INFORMAÇÃO ESTRATÉGICA: O RUMO DO FUTURO